

OLIVEIRA, Samuel Gomes de. Resenha de “História do português brasileiro – volume III: mudança fônica do português brasileiro” (2019), coordenado por Ataliba T. de Castilho, Dermeval da Hora, Elisa Battisti e Valéria Oliveira Monaretto. *ReVEL*, vol. 17, n. 32, 2019. [www.revel.inf.br]

**RESENHA DE “HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO – VOLUME III:  
MUDANÇA FÔNICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO” (2019),  
COORDENADO POR ATALIBA T. DE CASTILHO, DERMEVAL DA HORA,  
ELISA BATTISTI E VALÉRIA OLIVEIRA MONARETTO**

**Samuel Gomes de Oliveira<sup>1</sup>**

samuelgdo@gmail.com

A coleção *História do Português Brasileiro*, coordenada por Ataliba T. de Castilho, resulta de vinte anos de pesquisas realizadas por linguistas brasileiros com o propósito de produzir uma obra de referência que dê conta de historiar o português brasileiro a partir de dados de um amplo *corpus* diacrônico. O Volume III dessa coleção (que conta, ao todo, com 7 volumes), intitulado *Mudança Fônica do Português Brasileiro*, é coordenado por Dermeval da Hora, Elisa Battisti e Valéria Oliveira Monaretto. O referido volume é, conforme nos conta Valéria Oliveira Monaretto em sua Apresentação, resultado de encontros para discussão realizados, desde 2014, na Universidade Federal de Uberlândia e na Universidade Federal da Bahia. Tal volume é composto por uma Introdução e por dez capítulos, dos quais sete contêm pesquisas a respeito de processos e unidades fonológicas que tomam como base o *corpus* comum mínimo do projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB), utilizando, portanto, dados escritos para recuperar, discutir e interpretar a variação e a mudança fonológica.

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras (Estudos da Linguagem – Sociolinguística) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Os desafios do intento de investigar aspectos fonológicos a partir de textos manuscritos já são esclarecidos na Introdução do volume, de autoria de Dermeval da Hora e Elisa Battisti. Os autores introduzem o livro afirmando que, mesmo com as dificuldades evidenciadas, os dados, se tratados adequadamente, podem trazer boas contribuições para a compreensão de processos fonológicos e do percurso evolutivo do português brasileiro, que pode ser caracterizado como uma variedade diatópica do português europeu. Nesse sentido, interessa investigar, a partir de pesquisas diacrônicas, a história do português brasileiro, que conta com realizações, preferências de uso e restrições que contribuem para o seu distanciamento do português europeu.

A Introdução também aborda os desafios para a formação de *corpora*, considerando que supor que o aparece na escrita reflete, em alguma medida, a fala, produz a necessidade de incluir, nas pesquisas, flutuações e alterações ortográficas relevantes para estudos de variação fonológica, bem como processos de validação dos dados, para que as análises a partir deles possam ganhar credibilidade. Dermeval da Hora e Elisa Battisti também incluem, na Introdução do livro, um apanhado geral das teorias e linhas de análise da mudança fônica, sistematizando como ela é compreendida e analisada por neogramáticos, pelo estruturalismo e funcionalismo, pelo gerativismo, pela sociolinguística variacionista e pela hipótese da difusão lexical. A Introdução, nesse sentido, proporciona uma leitura contextualizada dos demais capítulos, fornecendo subsídios para que os trabalhos apresentados a seguir sejam melhor compreendidos.

No capítulo “Pressupostos Básicos para uma Caracterização Fonológica do Português Brasileiro”, Silvia Figueiredo Brandão e Dinah Callou realizam uma ampla revisão de literatura e organizam os capítulos seguintes, a partir do percurso evolutivo do português brasileiro em relação ao português europeu, em três classificações: (i) exemplos quase certos de conservação; (ii) aspectos fonéticos inovadores; (iii) casos duvidosos de inovação. Por esse motivo, além de fornecer bases para o entendimento dos demais capítulos, a leitura deste capítulo também pode ser uma maneira interessante de concluir a leitura do volume.

O capítulo “Vogais Pretônicas”, de José Magalhães, é o primeiro do volume que utiliza o *corpus* mínimo do PHPB, acervo que também é utilizado nos seis capítulos que seguem. O objetivo estabelecido pelo autor é o de verificar, a partir de dados dos

séculos passados (XVIII, XIX e XX), a variação no subsistema vocálico pretônico do português brasileiro, alvo de diversos processos fonológicos investigados na sincronia. O autor inicia o capítulo abordando as vogais do português a partir de diferentes estudos já realizados e caracteriza suas pautas tônica, pretônica e átona final. Embora mencione tanto os processos de alçamento (realização de vogais médias pretônicas como altas) quanto os de abaixamento (realização de vogais médias pretônicas como baixas), o autor explica que os dados escritos permitem estudos mais confiáveis acerca do alçamento, visto que há, na pauta pretônica do português, uma única letra para representar as vogais médias anteriores (/e, ε/) e uma única letra para representar as vogais médias posteriores (/o, o/), o que dificulta estudos a respeito do abaixamento. Em relação ao alçamento, processo já presente em registros descritivos do português antigo, o autor questiona se as regras de harmonia vocálica e de alçamento sem motivação aparente já estariam atuando nos séculos XVIII e XIX.

José Magalhães organiza os dados investigados por vogal (média pretônica anterior; média pretônica posterior), por tipo de dado escrito (cartas pessoais; documentos oficiais) e pelos processos que ocorrem: (i) alçamento – harmonia vocálica (*privino*); (ii) alçamento – sem motivação aparente (*piqueno*); (iii) abaixamento – realização opaca/contra-alimentação (*partecipo*); (iv) abaixamento (*desposição*). O autor conclui que os dados investigados reforçam a ideia de que a variação das médias pretônicas é um fenômeno presente em toda a história do português. Além disso, a ocorrência desses quatro processos em todos os casos analisados revela que as vogais pretônicas se comportam de modo complexo, mostrando que tanto hipóteses neogramáticas quanto difusionistas podem ser defendidas e negadas, o que, de acordo com o autor, coloca em xeque referências determinísticas.

Maria Bernadete Abaurre, no capítulo “Monotongações e Ditongações”, aborda, a partir de uma metodologia qualitativa que considera documentos oficiais, cartas/bilhetes pessoais e anúncios publicitários, processos de ditongação (*feichar*) e monotongação (*fejão*) no português brasileiro. Para tanto, a autora explora os ditongos do português do ponto de vista fonético e do ponto de vista fonológico e retoma suas origens documentadas na língua portuguesa, o que resulta em um apanhado das possíveis ocorrências de ditongos no português brasileiro. Em seguida,

a autora explora os processos de ditongação e de monotongação e formula suas questões de pesquisa, centradas em investigar se há indícios (na escrita dos documentos) dos processos considerados que possibilitem reforçar determinadas hipóteses fonético-fonológicas a respeito do surgimento das ditongações e das monotongações.

A autora organiza os achados a partir dos documentos analisados e dos processos envolvidos. Conclui que os processos que mais parecem estar indiciados na escrita de documentos mais antigos já são amplamente mencionados na literatura do português brasileiro atual (inserção da semivogal [j] antes de consoantes fricativas coronais; apagamento da semivogal [j] antes de fricativas coronais e tepes; apagamento do glide [w] em ditongos leves), ao passo que apagamentos de ditongos pesados, por exemplo, não foram registrados, o que confirma sua estabilidade. A autora também afirma que é preciso levar em consideração o maior ou menor contato com a escrita por parte dos autores dos escritos, visto que isso deve ter impactos nos estudos de ditongações e monotongações.

O capítulo “Apagamento e Vocalização em Coda Silábica”, de Juliene Lopes Pedrosa e Rubens M. Lucena, enfoca os processos de apagamento de /R/ (*serviço~seviço*), /S/ (*mesmo~memo*) e /l/ (*soldado~sodado*) e a vocalização da lateral pós-vocálica (*mal~ma[w]*) em coda a partir de um recorte diacrônico, sob hipótese de que esses processos não sejam recentes em português, conforme já apontam estudos revisados pelos autores. Os dados utilizados para o estudo são cartas de cunho pessoal, bilhetes e documentos oficiais. Após dedicar parte do capítulo a abordar os fenômenos linguísticos considerados, os autores expõem os dados analisados e seus contextos de ocorrência. Eles apontam que há, no *corpus* utilizado, escassez de ocorrências relacionadas a processos fonético-fonológicos em coda silábica, o que os motivou a considerar *corpora* diferenciais e a destacar a importância de utilizar textos produzidos por “mãos inábeis”, isto é, por pessoas que não possuem um conhecimento mais aprofundado sobre as normas cultas da língua.

A partir da análise, os autores constatam que o apagamento de /R/ foi o processo mais recorrente, principalmente em verbos no infinitivo, e que o apagamento de /S/ e /l/ foi menos frequente, o que está de acordo com as tendências encontradas no estágio atual da língua. Além disso, a coda final demonstrou ser mais propícia à supressão de segmentos, o que pode apontar para um tratamento

diferenciado em relação à coda medial. Em relação à vocalização de /l/, os autores afirmam que o processo merece nova investigação e atribuem seu baixo número de ocorrências à pouca quantidade de documentos produzidos por “mãos inábeis”, o que por si só indica caminhos para estudos futuros.

Valéria Oliveira Monaretto inicia o capítulo “Sequências Mediais de Obstruintes” apresentando um percurso histórico de mudanças em sequências de consoantes adjacentes formadas por obstruintes no interior de palavras (*aspecto*, *absurdo*) a partir de exemplos do latim, do espanhol e do português. O objetivo do trabalho da autora no volume é o de levantar e examinar a incidência de contextos com sequências de obstruintes mediais ( $C_1C_2$ ) em um estado passado da língua para fins de comparação com o estado atual. Para tanto, a autora utiliza dados formados por cartas de redatores e de leitores de jornais dos estados brasileiros, do século XIX. A autora apresenta, em primeiro lugar, observações acerca das sequências de obstruintes na história (que passaram por um processo de simplificação que não agiu de forma uniforme em todas as palavras), de maneira a contextualizar o processo no português brasileiro a partir da literatura revisada, para então apresentar seu levantamento preliminar de dados a partir dos escritos considerados.

O levantamento apontou que a grande maioria das sequências de consoantes consideradas se fizeram presentes tanto no século XIX quanto no português atual, à exceção de /pn, bv, ft/, que não foram encontradas na amostra utilizada. O levantamento indica que, apesar de o percentual ser baixo, contextos com  $C_1C_2$  parecem se manter em muitas palavras da língua portuguesa. Além disso, não foram encontradas diferenças entre os dois tipos de textos considerados. A autora conclui que as palavras encontradas nos dados parecem indicar que, de maneira semelhante ao que ocorre no estado atual da língua, as sequências mediais de obstruintes são de ordem variada segundo o contexto. Os achados, contudo, não podem deixar de considerar, conforme ressalta a autora, que as  $C_1C_2$  pudessem ser marca de reconhecimento de uma norma culta escrita.

O capítulo “Metátese”, de Dermeval da Hora e Stella Telles, aborda o processo de metátese (ainda pouco estudado), compreendido como uma transposição de segmento no interior de uma palavra (*pergunta* > *pregunta*). Os objetivos dos autores envolvem discutir o processo, analisar sua ocorrência em manuscritos do século XVIII e XIX, e refletir acerca da metátese à luz de determinadas propostas

teóricas. Os autores têm, como hipótese, que o português é uma língua de metátese, que o processo se restringe a variedades não padrão, representando fenômenos distintos que requerem estudos a partir de perspectivas sincrônicas e diacrônicas, e que o uso da metátese não é aleatório, e sim condicionado por fatores sociais e estruturais. Após abordarem o processo, os modelos teóricos a seu respeito e seu comportamento fonológico na língua portuguesa, os autores passam à análise dos dados escritos considerados. Para a análise, eles buscam incluir variedades tidas como padrão e como não padrão, definidas a partir dos tipos de texto e de sua autoria.

A partir dos dados, os autores observam que a metátese mais frequente é a tautossilábica (sem distinção entre variedades padrão e não padrão), ao passo que o tipo heterossilábico é quase inexistente, o que difere de resultados encontrados para dados do português atual. Os autores concluem que o processo foi operante em todos os séculos analisados, e que anteriormente não era condicionado socialmente, estando presente em textos oficiais, diferentemente do que apontam estudos a respeito do português atual, que mostram que o processo é característico de variedades não padrão. Além disso, o processo não pode ser entendido como tipicamente regular, visto que sua ocorrência é variável em um mesmo texto e sua frequência depende de seu autor. Por fim, os autores ressaltam a necessidade de agregar os diferentes modelos teóricos revisados em conjunto com fatores de natureza sociolinguística para que se possa chegar a um melhor entendimento do processo de metátese no português brasileiro.

No capítulo “Hipossegmentação de Sequências com Clíticos”, Elisa Battisti investiga a hipossegmentação, caracterizada por ausência de espaço em branco, na ortografia de sequências que envolvem ao menos um clítico (*medisse, eas pessoas, oSenhor*). Esse tipo de ocorrência pode revelar, conforme afirma a autora, que o escrevente não percebe a presença do clítico (usando-o como uma unidade lexical), ou que o escrevente percebe a presença do clítico, mas assinala sua dependência em relação ao hospedeiro. A autora se utiliza de documentos do século XIX ao XX para explorar a hipótese de que o processo de hipossegmentação pode evidenciar a organização prosódica envolvendo clíticos em vigor no português brasileiro desde o século de que datam os documentos analisados. No capítulo, a autora dedica-se a descrever a fonologia dos clíticos e sua interação com critérios ortográficos para,

posteriormente, realizar sua análise com dados escritos e apresentar resultados e conclusões.

O estudo a respeito da hipossegmentação por parte da autora contou com diferentes etapas. Inicialmente, foram analisadas cartas pessoais e, posteriormente, atas de reuniões. Anos mais tarde, foram considerados novos documentos provenientes de outros estudos, englobando cartas oficiais e não oficiais e exemplares de jornais gaúchos, para realização de um levantamento de ocorrências de hipossegmentação. Por fim, consideraram-se também cartas pessoais e bilhetes de indivíduos pouco escolarizados escritos no século XX. As análises permitiram concluir que a hipossegmentação afeta preferentemente um clítico e seu hospedeiro dissílabo paroxítono, podendo também afetar os próprios clíticos quando estão em sequência. A adjunção à direita, afirma a autora, atinge tanto clíticos pronominais quanto não pronominais e parece consolidada no século XIX. Além disso, a hipossegmentação pode sugerir que a exigência de minimalidade binária esteja interagindo com o pequeno corpo grafo-fônico dos clíticos, produzindo agrupamentos que contribuem para imprimir ritmo forte-fraco, sustentado pela dissilabidade e com papel na prosodização dos clíticos. Ademais, a autora aponta que a hipossegmentação de clíticos em abertura e fechamento de cartas e em expressões cristalizadas pode indicar influência do léxico no obscurecimento da presença de clíticos em determinadas sequências.

O capítulo “Acentos em Nomes”, de Gladis Massini-Cagliari, pretende dar conta de uma visão diacrônica do fenômeno de acentuação dos nomes e demais categorias não verbais no português brasileiro, enfocando suas origens e sua realização em documentos dos séculos XVIII e XIX. Considerando as limitações da análise de *corpora* escritos, a autora restringe seu estudo ao acento lexical, partindo do princípio de que deve haver poucas alterações quanto ao posicionamento da proeminência acentual de palavras, visto que sílabas tônicas tendem a ser mais preservadas do que sílabas átonas. A autora busca, portanto, verificar o quanto o processo de posicionamento do acento lexical já estava estabilizado nos séculos XVIII-XIX. A opção da autora é a de comparar seus resultados com padrões existentes em períodos anteriores e posteriores. Para tanto, utiliza documentos que apresentariam um nível menos tenso de formalidade, como cartas, atas de uma associação e outros documentos escritos por mãos “inábeis”.

A autora discorre sobre as origens dos padrões acentuais do português brasileiro antes de apresentar os possíveis padrões de acentuação encontrados nos dados. Seus resultados indicam que nenhuma pauta acentual diferente das que já ocorriam e das que atualmente ocorrem em português brasileiro foi localizada, o que a leva a afirmar que, em termos gerais, apesar do incremento no uso de padrões acentuais marginais, o posicionamento do acento dos nomes e demais itens não verbais não parece ter sofrido mudanças significativas desde o século XVIII até o português brasileiro atual.

Célia Marques Telles inicia o capítulo “Representação das Vogais Pretônicas nos Livros do Tombo” explicando que os Livros do Tombo se definem como um conjunto de cadernos cuja função é servir de registro de doações relativas aos bens imóveis pertencentes ao Mosteiro de São Bento da Bahia. Ao longo do capítulo, a autora realiza um levantamento de variantes gráficas para as vogais médias pretônicas nos Livros do Tombo que mostra, conforme afirma, uma variação livre na maioria dos casos, embora seja possível localizar exemplos que indiciam mudança em processo, como resultado de interferências na fala e na escrita.

Em relação às mudanças fonéticas, a autora afirma ser possível utilizar a proposta de classificação já apresentada no capítulo de José Magalhães. Além disso, aponta que outros três fenômenos de alçamento podem ser explicados através de regras de condicionamento pelo contexto a partir de determinadas consoantes (nasais, sibilantes e palatais). Por fim, destaca a importância da preservação de documentos de língua escrita para o mapeamento de indícios de mudanças. Esta é, conforme afirmação da autora, a fundamental, tradicional e clássica contribuição da Filologia para os estudos da língua a partir da perspectiva histórica.

O último capítulo do volume, “Harmonização Vocálica como Indício de uma Mudança Histórica”, tem autoria de Leda Bisol. A harmonia vocálica (*alegria~aligria*) é, para a autora, uma mudança histórica que dividiu o português em dois dialetos de uma mesma língua: o português brasileiro e o português europeu. A autora organiza a primeira parte de seu capítulo em cinco períodos: (a) fase inicial (século IX-XIII); (b) fase medieval (século XIII-XV); (c) fase clássica (XVI-XVIII); (d) fase crítica (século XIX); (e) fase contemporânea (século XX-XXI). Ao longo da primeira parte do capítulo, a autora demonstra que a harmonização vocálica está presente na língua desde a fase inicial, como herança do latim vulgar, e que o

alçamento sem motivação aparente (*boneca~buneca*) começa a demonstrar acréscimo de ocorrências a partir da fase clássica. A partir do século XIX, o português europeu, diferentemente do brasileiro, passa a não mais contar com o processo de harmonização vocálica.

Na segunda parte do capítulo, em que trata do português contemporâneo, a autora explica que a divisão do português em dois dialetos tem a ver com a sílaba pretônica: embora ambos os dialetos possuam três vogais na sílaba postônica, o português brasileiro contemporâneo possui cinco vogais pretônicas, ao passo que o português europeu contemporâneo possui somente três vogais pretônicas. Além disso, os processos de neutralização das pretônicas do português brasileiro e do português europeu possuem diferentes resultados. Enquanto o português brasileiro, conclui a autora, herda o sistema átono de cinco vogais com harmonização na pretônica, o português europeu abarca o processo de centralização de vogais átonas [-post], seguindo, portanto, outra deriva em virtude dos efeitos dos processos de centralização, harmonização e neutralização.

A leitura dos capítulos do *Volume III – Mudança Fônica do Português Brasileiro* reforça o que já está afirmado na Introdução: trata-se de uma obra dedicada à árdua tarefa de realizar estudos em variação e mudança fonológica a partir de textos escritos. Para tanto, os dados obtidos dos *corpora* analisados são considerados indícios de ocorrências de processos fonológicos, o que faz com que os pesquisadores precisem não só tomar cuidados especiais, como também relativizar as descobertas.

Vale ressaltar, portanto, o cuidado dos autores na condução de seus estudos, tanto no que diz respeito ao tratamento dos dados, quanto na maneira de reportar os resultados e buscar generalizações. Os linguistas selecionados para compor a obra, renomados por seus trabalhos realizados em diferentes regiões brasileiras, são, enfim, bem-sucedidos na “arte de fazer o melhor uso de maus dados” (LABOV, 1994, p. 11), o que resulta em uma obra de referência que se configura como uma etapa importante na busca pela descrição e reconstrução da história do português brasileiro, que só se fez possível em razão da manutenção de *corpora* como o do PHPB.

## REFERÊNCIAS

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change. Internal Factors*. Cambridge, Massachusetts/Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

CASTILHO, A. T. (coord. geral); HORA, D.; BATTISTI, E.; MONARETTO, V. (coords). *História do Português Brasileiro – Volume III: Mudança Fônica do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2019.